
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

TRIMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 5, janeiro a junho de 2007

RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A VISÃO DO “SER NO TODO”

Nilton Adão¹

Resumo

Este ensaio teórico tem como premissa apontar algumas práticas e interpretações de mundo compreendidas através das culturas religiosas. Procura-se, sem promover discussões profundas do ponto de vista teológico, apresentar algumas questões, que quando aliadas às discussões e reflexões, nas abordagens próprias da Educação Ambiental, promovem as manifestações necessárias para a construção do conhecimento abordando o respeito ao meio ambiente.

Palavras chaves: Educação Ambiental, religiosidade, holismo.

Abstract

This theoretical essay has as premise to point some practical and understood interpretations of world through the religious cultures. It is looked, without promoting quarrels deep of the theological point of view, to present some questions that when allied to the quarrels and reflections, in the proper boardings of the Environmental Education, they promote the necessary manifestations for the construction of the knowledge approaching the respect to the environment.

Key words: religion, holism, Environmental Education.

O Papel da Religião

O assunto abordado neste artigo, tanto quanto apaixonante, é relevante para a Educação Ambiental. A prática educativa voltada para a busca de um novo paradigma de sociedade, embasada no respeito ao todo, pode encontrar na religiosidade respaldos para compreensão do ser na sua plenitude

¹ Bacharel em Geografia (FURG-RS); com licenciatura em Geografia (UNISUAM-RJ); Esp. em Sociologia Política e Cultura (PUC-RJ); Esp. em Planejamento e Educação Ambiental (UCAM-RJ); Esp. em História do Brasil (UFF-RJ). Professor do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Joinville - SC.

espiritual. Os seres humanos usam a religião para, através da religiosidade, procurar as respostas aos seus anseios sobre a vida e a morte. Assim, dogmatizam-se as práticas e fundamentam-se as religiões que se institucionalizam fazendo jus à definição de BOFF (2001, p. 88) “A religião é concreta. Possui credo, moral, teologia, santos e santas, hierarquia, templos, festas, ritos e celebrações”. A partir das estruturas religiosas os seres humanos buscam através da fé, a paz de espírito e uma resposta transcendental para a sua existência. Neste sentido, a funcionalidade da religião, utilizando-se os argumentos de BOFF (2001, p. 89), “ é criar as condições para que cada pessoa possa realizar seu mergulho no Ser e encontrar-se com Deus, Útero de infinito aconchego de paz”.

Do ponto de vista crítico, a religião institucionalizada e estruturada em dogmas, ao mesmo tempo em que tem como função a busca da verdade na existência do divino pode criar barreiras que fazem da prática humana da religião uma práxis fundamentalista incompatível com a idéia de uma espiritualidade libertadora na busca da paz. Sobre a possibilidade de uma dualidade interpretativa da religião ALVES (1984, p. 106) argumenta que “ela [a religião] pode ser usada para iluminar ou para cegar, para fazer voar ou paralisar, para dar coragem ou atemorizar, para libertar ou escravizar.”

Todavia, objetiva-se nesta discussão, abordar na religiosidade, somente, o seu papel enriquecedor para a existência humana, ALVES (1984, p. 116) salienta que há uma vertente que defende a afirmação de que “sem a religião o mundo humano não pode existir e que, quando deciframos os seus símbolos, contemplamo-nos como num espelho. E mais, é justamente com este símbolos que os oprimidos constróem suas esperanças e se lançam à luta”. Torna-se, também, viável mencionar as palavras de BOFF (2004, p. 206) que “toda religião produz também um discurso sobre a natureza, como dimensão da totalidade”. Partindo-se deste pressuposto se constrói este ensaio. Este trabalho procurará abordar a compreensão do sagrado em algumas práticas religiosas e a sua contribuição para a preservação e conservação ambiental.

Educação Ambiental e Religiosidade: um diálogo possível

O empenho na construção de um mundo mais habitável e humano é a forma como se expressa, nas condições históricas, o próprio Reino de Deus. (BOFF, 1983, p. 219)

A Educação Ambiental fundamenta-se na interdisciplinaridade e na visão holística de mundo. A proposta de interdisciplinaridade, por si só, torna legítima a contribuição das diversas expressões

espirituais existentes nas diferentes culturas religiosas para as discussões pertinentes para a Educação Ambiental. No que se refere à visão do planeta como um todo, há todo um movimento de procura da religiosidade na qual os seres humanos buscam nas experiências espirituais o comprometimento com a busca da saúde planetária.

Na Campanha da Fraternidade, promovida pela Igreja Católica do ano de 1966, década da gênese dos movimentos sociais pelo mundo, entre eles o ambientalista, o lema trabalhado foi “Somos responsáveis um pelos outros”. Pode-se dizer que esta é a base do cristianismo que tem nas palavras de Jesus a fundamentação de um Deus de amor. De acordo com LIMA (2003, p. 114), em Jesus inverteu-se a idéia do Deus, deu-se fim à compreensão dos deuses cruéis e formou-se a máxima: “amar a Deus é amar ao próximo”. Fiel aos ensinamentos de Jesus, São Francisco de Assis ampliou a interpretação do cristianismo, se relacionando misticamente com a natureza e reconhecendo a presença do divino em todas as formas de vida. NIGG (1995, p. 41-42) relata que “o coração do santo [São Francisco] se enternecia de compaixão para com as criaturas. Adivinhava os segredos da natureza e pensava na santificação de todas as criaturas”. Diante do comentado, pode-se dizer que os preceitos cristãos estão de acordo com as premissas da Educação Ambiental na busca de novas relações de respeito a vida. Neste sentido, os ensinamentos vindos de Jesus e de São Francisco de Assis podem contribuir para a formação de uma Educação Ambiental, “que promova um novo paradigma de sociedade com respeito à fauna, flora e diferentes culturas, sendo que todos estão ligados sistematicamente”. (ADÃO: 2005, p. 76)

A busca da sustentabilidade sugere novos padrões comportamentais. Alguns bons exemplos, de uma relação menos dominadora entre sociedade e natureza, podem ser encontrados na Cultura Hindu com seus deuses milenares. A colonização proveniente do imperialismo inglês deixou marcas. Todavia, o povo indiano demonstra através da sua cultura religiosa, formas simples de viver voltadas para o sagrado que resultam em uma relação sustentável com a natureza. RIBEIRO (2002, p. 33) afirma que, “aquela civilização [indiana], entre todas as que existiram, foi a que mais soube ser sustentável em sua relação com o ambiente natural, forjando estilos de vida e padrões de consumo com baixa pressão sobre o meio ambiente.” Mahatma Gandhi certa vez mencionou que “a civilização não consiste em multiplicar nossas necessidades, mas em reduzi-las voluntariamente, deliberadamente”. A cultura hindu, com toda sua diversidade mística, por propor ao povo ocidental uma vida mais saudável em corpo e espírito fornece compreensões de mundo que corroboram para as discussões da Educação Ambiental. ADÃO (2005, p. 39) entende que a Educação Ambiental está engajada “na materialização

de novos valores pautados em uma nova relação sociedade-natureza, objetivando alcançar a ‘plenitude humana’, emergindo o entendimento que um depende de todos, e todos são responsáveis por um”.

Também originado na Índia, ao budismo assim como ao hinduísmo é atribuída a interpretação panteísta (o elemento divino está presente em tudo), neste sentido, o crescimento espiritual é a busca da unidade com Deus. Buda não é uma entidade. Nascido na fronteira da Índia com o Nepal, Saddhartha Gautama, após um período da sua vida na busca da essência divina presente no espírito humano, passou a ser reconhecido como o Buda: o iluminado, o desperto. Os ensinamentos do budismo ganharam adeptos em todo mundo apresentando-se como uma cultura religiosa de práxis pacifista aprofundada. Esta é uma prática necessária para o avanço da espiritualidade: alcançar a paz. Essa paz é encontrada no fazer o bem, prática desvalorizada pela sociedade individualista cuja satisfação pessoal é encontrada no consumo. Fundamentar-se para desconstruir estas práticas também é premissa na Educação Ambiental. Faz jus, neste caso, citar as palavras de BRUGGER (1994, p. 108): “uma educação para o meio ambiente implica também uma avaliação crítica da dimensão individualista, tão marcante em nossa sociedade”.

Pode-se também, apresentar entre as religiões que promovem o respeito à natureza, o Candomblé. O Candomblé é uma religião monoteísta de matriz africana. Oludumaré é o Deus Supremo. Este é auxiliado pelas divindades denominados orixás. Os orixás servem como “a ponte” para o encontro entre o homem e o sagrado. Os elementos da natureza são emanados dos orixás, neste sentido, qualquer forma de degradação da natureza é um desrespeito aos orixás, além de ser contraditório às práticas emanadas dos terreiros do candomblé. BOFF (2001, p. 16) define o candomblé “como uma das teologias mais fascinantes do mundo.” Para ele o candomblé “faz de cada pessoa uma espécie de Jesus Cristo, quer dizer, um virtual incorporador dos orixás, divindades ligadas à natureza e às suas energias vitais.” Diante destes argumentos, fica claro que o respeito às formas de vida existentes na natureza é comum nas práticas religiosas, apesar do tema (relação ser humano natureza perante Deus) ser compreendido e cultuado de formas diferentes, é crível que muitas das abordagens vistas nas práticas religiosas com relação ao meio ambiente são pertinentes para a Educação Ambiental.

Valia da Discussão Apresentada

Este trabalho se prendeu a apenas algumas práticas religiosas. Muitas outras poderiam ser apresentadas para discussão, pode-se citar o judaísmo, islamismo, xintoísmo, taoísmo, jainismo, vários ritos tribais, entre outras várias práticas religiosas existentes que, com certeza, podem contribuir para fomentar as discussões existentes no campo da Educação Ambiental. Há de se mencionar que a realidade é complexa, portanto se faz necessário para uma melhor compreensão do todo abordar os diferentes e contraditórios aspectos que formam o meio ambiente, entre eles, as religiões e suas propostas de transformação para a essência e existência humana.

Neste sentido, este ensaio teve como objetivo demonstrar uma possível discussão abordando as questões espirituais nos diálogos pertinentes para a Educação Ambiental devendo-se ficar claro que este não é um tema “fechado” e cada ponto de vista ou interpretação pode colaborar para a fundamentação do entendimento da relação entre ser humano e natureza. É fato que as religiões se “mundializaram” possibilitando que as doutrinas religiosas de outras realidades espaço-temporais estejam ao alcance de todos. Tendo em vista que os valores religiosos podem contribuir para a construção de uma consciência ambientalmente correta, esta possibilidade traz à tona a afirmação de SIQUEIRA (2003, p. 20), de que “a construção de novos valores, dos costumes ambientalmente sustentáveis, ocorre simultaneamente na concretude da realidade local e na abertura à realidade global”.

Urge se pensar em uma nova realidade ambiental, papel da Educação Ambiental. De acordo com LOUREIRO (1992, p.38) “o caminho é reestruturação social e cultural, cientes da realidade que temos e que os recursos naturais estão praticamente esgotados”. A mudança paradigmática pode ser construída com fundamentação também em valores espirituais provenientes das práticas religiosas. CAPRA (2002) defende a tese de que as mazelas do mundo, com suas diferentes facetas, correspondem essencialmente a uma crise de percepção. Neste sentido, passamos por uma crise que necessita de uma reestruturação da maneira de pensar e agir. Estamos defrontando na atualidade com a real ameaça de extinção de toda forma de vida no planeta. Todavia, ainda há tempo para modificarmos esta realidade. Entre as diversas variáveis, pessimistas ou otimistas, que originam as previsões futurísticas, há uma verdade, o futuro mais que previsto, pode ser construído. É deste processo de construção e de transformação do/e para um novo mundo é que trata a Educação Ambiental. E nesta, a práxis religiosa em toda a sua extensão, também pode contribuir para a construção de uma sociedade com equidade social e ecologicamente sustentável.

Bibliografia

- ADÃO, Nilton M. L. A práxis na Educação Ambiental. In.: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. ISSN 1517-1256. Volume 14, Rio Grande, FURG, janeiro a junho de 2005, p. 74-46.
- ADÃO, Nilton M. L. O marxismo e a Educação Ambiental: uma possibilidade de interpretação. In.: **Revista do IESVILLE**. ISSN 1806-5147. Volume 2, nº 3, maio a junho de 2005, p. 37-40.
- ALVES, Rubem. **O que é Religião**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1984.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2004.
- BOFF, Leonardo. **A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana**. 37ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- BRUGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 23ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.
- LIMA, João Gabriel de . A fé antes e depois de Cristo. In.: **Revista Veja**, 1834ª ed. Editora Abril, ano 36, nº 51, pág. 112 a 116. 24 de dezembro de 2003.
- LOUREIRO, Carlos F. B. **Educação Ambiental e classes populares: teoria e prática de uma pesquisa participante**. Dissertação de mestrado do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 188 páginas. Setembro de 1992.
- NIGG, Walter. Francisco, o irmão menor. In: **São Francisco de Assis: o santo da humildade**. Coleção Mensagens Espirituais. Editora Martin Claret, São Paulo, 1995.
- RIBEIRO, Maurício Andrés. Civilizações e Sustentabilidade. In: **Revista JB Ecológico**, Jornal do Brasil, ano 1, nº 4, junho de 2002, p. 32-33.